

A memória confinada

Foi no lançamento de *Entullo*, poemário de Lorena Conde. Eu estava entre o público. Acabado o ato, achegou-se-me uma senhora.

- És a Susana Sanches Arins, a autora do *seique*?

- Sou

- Eu sou Célia, a filha do tio Ramom, o falangista bom. O que contas no teu livro não é a verdade. O papá era bom e salvou muita gente.

- Eu não lhe apus mortes ao tio Ramom.

- Ghuapo tam-pouco o chamas.

- Mulher, mau não seria, mas bom também não. Era falangista, foi alcalde, tinha poder, assinou informes que condenaram pessoas.

- Vou-che contar: daquela parava o Vítor Lis na casa (sabes quem é o Vítor Lis? - sei) e dizia-lhe ao papá: a ver, ¿dónde se esconden los de la cáscara amarga?! e papá negava: não, mire, aqui dessa gente não lhe há. -¿cómo no va a haberlos, hombre (e berrava muito e papá punha-se em perigo), si esto está lleno de rojos!! mas o papá porfiava e assim salvou muita vizinhança.

Célia relaxou as maneiras e as falas amedida que lembrava o pai. E contou-me de como o Vítor Lis montava um cavalo branco e assim se aparecia na noite nas casas, nesse cavalo de apocalipse que lhe permitia chamar polos condenados diretamente às janelas do andar de cima. Jurou-me que assim lho contara o tio Ramón, o falangista bom.

Na calma da conversa chegou a dúvida.

- Achas que as cousas foram como contas no livro?

- Acho que foram piores e que nunca saberemos todo.

- Que tempos duros! - e convidou- Hás vir pola casa. Podo contar-che aquilo que eu sei.

O meu encontro com a Célia, a filha do tio Ramom da Veigha da Vila, o falangista bom, recolhe muitas das dúvidas medos e temores que me invadiram durante a escrita do *seique*, a saber, qual o meu direito a entremeter-me em intimidades alheias, em vidas reais que não são a minha; qual é a verdade, quanto sabemos dela?; a redução da memória a história. Mas a conversa com a Célia, a sua evolução, deixou uma pegada ainda mais forte: a da necessidade de saber, a vontade de falar. Tanto tempo depois. Ainda.

Porque eu sou da geração das netas da guerra. E apulitando polo pau e as polas da minha árvore genealógica dou com toda a guerra, com a ditadura toda, com todas as suas consequências, com todo o horror.

A minha bisavó Marina Otero pariu dez crianças. Quando estava prenhada da quinta, depois de quatro meninas, o meu bisavô Fermim, dos arinesdetodalavida, prometeu-lhe um abrigo de peles se nascia um menino. Os sinais eram assim tão evidentes, que o abrigo não aguardou a nascença. Irmãs, tias, vizinhas, parteiras, todas viam na forma da barriga, nas nódoas da pele, nas pegadas ao andar ou no tique-taque do coração a mostra de que, por fim, vinha um neno. Ao nascer Pilar, dizque o meu bisavô Fermim, dos arinesdetodalavida, devolveu o abrigo já oferecido e botou quatro meses sem lhe falar a Marina.

Muito lamentaria o velho esse silêncio, pois as cinco seguintes crianças saíram todas nenos, e essa demora na nascença fez que o meu avô Rafael e os seus quatro irmãos foram demasiado novos para morrerem matando na guerra de 36.

Essa menina Pilar, a que devia de ser homem, tia da minha mãe, pediu-nos que esparjamos na ilha de São Simão as suas cinsas quando morresse. Contou-nos de quando ia lá, desde a casa dum seu tio republicano, Alfredo Lorenzo, levar a comida a um preso amigo. Contou-nos da miséria que via a travês das relhas, e que queria partilhar a morte com essa gentinha que não sobrevivera. Pilar tinha mais de oitenta anos quando nos falou isto, para surpresa da minha mãe, que nunca escutara tal. Eu fiquei a pensar em quanta dor devia ter visto ou vivido para que aflorasse dessa maneira setenta anos após. Botai as minhas cinsas em São Simão, quero estar com essa gentinha.

Porque eu sou da geração das netas da guerra. E apulitando polo pau e as polas da minha árvore genealógica dou com toda a guerra, com a ditadura toda, com todas as suas conseqüências, com todo o horror.

Não tive um avô preso em São Simão. Ou sim. Porque o que Pilar não nos contou é que um tio dela, Ramon Arines, irmão do bisavô Fermim, sim o estivo. Não sabemos quanto tempo nem por que, mas aparece na listagem de presos. Durante anos pensei que Pilar, em realidade, tinha um namorado nessa ilha, mas agora acho que devia de trazer o jantar do tio Ramón mas sem admitir que na família havia pessoas da *casca amarga*, como dizia Vítor Lis Quibén. Pessoas de casca amarga que mesmo podia ser seu pai, o bisavô Fermim com abrigo de pele e dos arinesdetodalavida. Nunca se meteu em política, dizia mamã. Nunca se posicionou sobre nada, que ela lembre. Mas encontramos-lo no ano 31 a dar mítins no Sindicato de Ferroviários de Vigo, apresentando os líderes chegados de Madrid e das Asturias. Significado. Que pudo ter acontecido ao bisavô Fermim quando o golpe... não sabemos. Mas o que é claro é que o seu esforço por insignificar-se deu resultado. As bisnetas todo o ignoramos.

Eu sou da geração das netas da guerra.

Crescim escutando ao avô Ramiro que ele fora a uma guerra dacavalo duma burra. Nunca nos contou que essa guerra era a Frente do Ebro, quem sabe se recrutado forçosamente. Tampouco nos contou que ele também estivera preso, na cárcere da Parda, nos anos 50, por delito bem comum e nada político (existem numa ditadura os delitos comuns?).

Também não nos contou a avó Glória que por ter um homem preso, durante a ditadura, delito comum ou político, houve de criar sozinha cinco filhas e filhos, e que por isso mesmo houve de reparti-las entre a família e as amigas para ela trabalhar, e que houve de mandar para a fábrica as filhas mais velhas, minhas tias Teresa e Coco, que nunca puderam estudar, e que houve de entregar à igreja, para a sua formação afastada do comunismo e da *casca amarga*, o filho mais velho, o meu pai.

Uma das minhas bisavós, Casilda de Portaris, pariu treze crianças, fora as morridas. Quando quase acabara de nascer a mais nova, a minha avó Glória, morreu de parto a mais velha, Ramona. Casilda de Portaris, boa gente dedicada à sua família, houve de ver como o seu sangue corria por gentes ruins e mal-nascidas. Houve de ver como um seu filho morria no frente e como apesar disso, outro, o tio Rafael, ia voluntário a ele, disposto a morrer matando. Houve de ver-se maltratada e esfomeada por parte de um dos seus filhos mais velhos, cobiçoso da herança. Houve de ver como esse seu próprio filho, Manuel o Montanhês, maltratava, enganava e esfomeava a irmãs de sangue, dessas treze, fora as morridas, que ela tinha parido. Houve de ver como o seu próprio filho, Manuel García Sampayo, era partícipe das camisas azuis e fascistas que, pistola ao cinto, semeavam o terror polas terras do Salnês. Houve de ver como um seu filho não morria, mas matava, naquele genocídio de 36.

Eu sou da geração das netas da guerra. E como tantas, fui criada entre silêncios e meias verdades. Silêncios que pretendiam ser protetores. Meias verdades que buscavam evitar-nos a dor, a raiva, o desejo de vingança, quiçá. Ser neta da guerra dá-me a distância. A suficiente para a minha dor nada ter que ver com a dor¹ da avó Glória, da bisavó Elena, do tio Ramom Arines, dos presinhos de Pilar, das vítimas do tio Manuel. Não, não tem nada que ver.

Quando procurei, pesquisei e soube das andanças repressivas e violentas de Manuel de Portaris, das suas conviências com o falangismo e o franquismo, não duvidei que merecia serem contadas, ele que tanto trabalhou por permanecer anónimo. Nunca entendi por que a avó Glória tinha umas atitudes tão respeitadas com os poderes que a machucaram: sendo mulher das de bata de trabalho e trafegos da lavadora à horta ao ferro de passar à cozinha ao mercado, continuava indo à missa e votando à direita. Muito maldizia o comunismo. E eu não percebia, pois via nela um claro exemplo de proletária sem direitos. Acho que foi essa também uma das razões pola que comecei a

¹ Cito sem citar ao poeta Enrique Lihn.

escrever o *seique*. Queria entender a avó Glória. Queria saber a causa desse medo por todas as da casa, por cada uma de nós (estuda muito mas não vaias às manifestações, que enredem outras, mira por ti, esquece o resto). E queria saber do seu respeito reverencial para o tio Manuel, de quem não era capaz de dizer uma boa palavra e recusava, ao tempo, dar uma má. Como era que continuara a falar-lhe. Como!?

Ao tempo, fui consciente de que sem narrar vidas privadas (a da minha avó, a do meu pai e as minhas tias) a história não seria bem percebida na sua crueldade. E aí duvidei, e portanto reflexionei muito. Que direito tinha eu a falar daquilo que a avó Glória calara? Que direito a expor publicamente os seus conflitos de parelha e filiais? Até que ponto era obscenidade imiscuir-me dessa maneira na dor das vítimas? E não só a da avó. Manuela Abal, por exemplo, quem era eu para descrever o escárnio ao que foi submetida? Não era revitimizá-la? Não estava a trazer à tona da pele dores escondidas? Dores alheias? A necessidade de descobrir ao tio Manuel ganhou sobre esses temores, mas o medo a danar, a remover chagas e traumas de pessoas queridas, eis o estava.

Foi meu pai quem deu resposta aos meus medos. Quando procurei, pesquisei e quis saber das memórias familiares, ele pouca ajuda me pôde oferecer.

- Fala com as tuas tias. Eu era mui menino, não lembro.

E falei. E escrevi. E dei por fechado o livro. E dei a ler ao meu pai. Amedada. Temia que me retirasse as falas ao ver o que escrevera da sua família, dele. Temia magoá-lo muito mais do que já o magoara a vida. Ofereci-lhe um pacto:

- Se queres, mudo os nomes, para que não identifiquem contigo.

- Sim, e o tio Manuel continua a ser anónimo e volta a ganhar a guerra - respondeu ele-. Não. Publica assim.

E entre a leitura do meu pai e a publicação do livro houve de fazer modificações na edição. Porque, de súbito, papá deu em lembrar. O dia que foi procurar ao avô ao comboio, chegado da prisão, e a festa na aldeia e os caramelos que lhe trouxe; a vez que o foi visitar à Parda, da mão da avó Glória, ele que dizia desconhecer que o avô andara preso; o medo que tinha a roubar a fruta na do tio Manuel. O sabor daquelas maçãs proibidas, delicioso.

A minha escrita não reabriu chagas na sua memória, senão que funcionou como desinfetante. Acho que os dous, eu e ele, compreendemos por que a avó Glória continuara indo à missa e votando à direita e maldizendo o comunismo e tendo medo por todas as da casa e mantendo um respeito reverencial cara ao tio Manuel e mesmo por que não lhe retirara as falas. E eu percebi que o silêncio

obrigado de anos, o ocultamento de tantas verdades, chagava mais ao meu pai, às suas irmãs, que aquilo que eu pudesse escrever. É bem certo que a verdade sanda.

Mas é o que conto a verdade? Eis outro dos elementos que me preocupava na escrita. Não há provas documentais dos crimes do tio Manuel. Narro memórias familiares. Não coincide o que conta a Teresa com o que sabe a Casilda. Há dados que não dei averiguado. Quanto andou na prisão o meu avô? Em que anos? Qual foi o delito? Por que foi deposto de alcalde o tio Ramón? Foi julgado o tio Manuel polo assassinato de Daniel Varela Muñiz?² E com estas dúvidas, escrevi, procurando deixar clara a diferença entre os fatos sabidos e a minha imaginação. Porque não faço história, mas também não escrevo ficção. Só ficção.

Outra lembrança: no seique descrevi a fotografia familiar mais importante para a minha família, a da avó Glória e os seus perante a casa grande de Portaris. Descrevi o retrato tal qual o recordava. Sem acrescentar nem retirar nada. Quando leu o livro, o primeiro que revisou o meu pai foi esta descrição. Esta mal, disse-me, a foto não é assim. E não era. Eu descrevera ao tio Manuel vestido de branco, como um indiano. Fato branco, chapéu branco, sapatos brancos. E juro que lembrava assim essa fotografia. Nela, em realidade, o tio Manuel só calça sapatos brancos, e ademais está sentado e não de pé e leva um relógio impressionante que eu não descrevi. Como pude eu imaginá-lo de branco. Onde encerelhei eu o recordeo?

Em Tomasim. Cai na conta dando voltas ao assunto, pois preocupava-me muito em que medida narramos como verdade aquilo que fabulamos. Tomasim era um narquito de boa família que andava pola Estrada, a minha vila. Andou metido na operação Nécora, e mesmo se dizia que era um dos confidentes da polícia e que andava ameaçado de morte por charlins, oubinhas ou dourados. Tomasim era pequeno e mui moreno. Uma das vezes que saiu da prisão, vi-o. Eu estava na Farola, café habitual, com as minhas amizades. Viramo-nos ao abrir-se a porta (era uma dessas portas que chiavam em cada movimento, acompanhadas do pauloviano giro de pescoço de toda a paróquia). E entrou ele, Tomasim, cabeça alta, olhada retadora e direto cara o balcão, onde pediu um guisque e sacou um cigarro havano. Chantou-se de pé, no meio do café, soltou um boa noite estrondoso que, em realidade, queria dizer-nos que eis o estava, que! Ia vestido de branco, fato branco, camisa branca, chapéu branco, sapatos brancos. Todo linho.

E essa chularia, essas roupas brancas, esse cantar-se no meio da concorrência a procurar peleja eu devi associá-lo diretamente à lembrança que tinha do tio Manuel, porque misturei os dous recordos,

2 Muitas destas cousas sim as sabemos a dia de hoje, mas por ter escrito o *seique*, quer dizer, por ter alçado a voz.

dando lugar a uma memória. A memória do porte, da presença, da chularia, não de um fato grisalho ou branco ou preto.

Outras das minhas bisavós, Elena, buscalavida de significativa alcunha, houve de criar sozinha a filha, minha avó Carminha. Sempre aprendemos que o bisavô a abandonara porque uma lavandeira não era mulher abunda para ele, menino de casa rica. Entre o amor e a herança, escolheu e a herança. Mamã sempre desprezou o seu avô. Até sabermos que o nome do amante traidor, Alfonso Mauricio, aparece no web *nomes e vozes* na listagem de condenados a prisão por rebelião militar. E a estória rosa deveu em *roxa*.

Quando Célia, a filha do tio Ramom, o falangista bom, me contou do cavalo apocalíptico de Lis Quibém, expliquei o caso a Xosé Álvarez Castro, experto. Ele negou. Não tem documentado, nas suas pesquisas, enormes, o fato de Lis Quibén andar a cavalo. Mesmo se sabe que carros utilizava. Mas, não diz a verdade o cavalo branco do pavor que provocavam os seus passeios noturnos na vizinhança? Não é clarificador que uma mulher prefira ter filhas do abandono a tê-las da *casca amarga*? Não é essa memória fabulada, essa invenção do passado, a maneira em nos trazer às netas da guerra a verdadeira face do terror? Provavelmente, porque nos encontros que o *seique* propiciou polo país galego, muitas leitoras vinham a mim com frases: isso mesminho aconteceu-me a mim, à minha família, na minha paróquia. Isso mesminho dizia-se na minha casa.

Eu decidi dar presença a estas lacunas nos espaços brancos do meu livro, e decidi dar presença às diferentes versões, verdades, nas reiteraões com variantes, no leixaprém em prosa. O nosso é um labor de desentulho, uma retirada de cascalhos, pedras, cachos de uralita, os restos da demolição que sobre nós efetuou a ditadura, e sob os quais ainda alenta a verdade. Mas também é tarefa nossa documentar os danos e as feridas, a poeira e as cicatrizes. Porque na pesquisa comecei a duvidar doutras narrativas antes lidas. Dessas que completam o valdeiro e o enchem de dados e contextos completos, redondos. Partilho um pensamento de Juan Mayorga³, que ele exprimiu pensando no Holocausto: *La lista de Schindler tiene un grave problema: su factura hace pensar al espectador que estuvo allí. Y el arte y el teatro debe dejar claro lo contrario: que tú no estuviste allí y que no te puedes deslizar hasta la posición de la víctima. Esas formas de representación son un sucedáneo moral y políticamente peligroso. Nuestra experiencia de aquello siempre será incompleta*. Não é o nosso labor, o das artistas, representar mas reconfigurar, como afirma a estudosa Isabel Gómez.

Reitero. Ser neta da guerra dá-me a distância. A suficiente para a minha dor nada ter que ver com a dor da avó Glória, da bisavó Elena, do tio Ramom Arines, dos presinhos de Pilar, das vítimas do tio Manuel. Não, não tem nada que ver. Eu podó imaginar essa dor, mesmo escrevê-la. Mas sendo a

3 Entrevista en *El Cultural*, 4/11/16.

mesma palavra, dor, não significa o mesmo. Nunca a minha dor será a delas. Eu não vivi nem golpe de estado, nem repressão nem ditadura. Eu nasci com o ditador em agonia. Não. A sua dor é sua. E isso devia refletir a minha escrita.

Há anos que nasceu em mim a suspeita de que o tio Manuel, Manuel García Sampayo, participara na tortura e assassinato de Ramón Barreiro e Castor Cordal. E escrevi o seu nome por se servia de algo. Dizer o nome em alto. Falar. Simplesmente. Nada posso fazer com a dor vivida por estas duas famílias, mas posso oferecer-lhes uma verdade, quiçá a verdade. E isso, como neta da guerra, fago.

A dor é privativa das vítimas. Mas não a verdade, a justiça, a reparação. A memória. Essas a todas nos pertencem. E as netas da guerra devemos-lhas às nossas avós e às bisnetas que vêm. É tempo de falarmos alto e claro, sem medo, e oferecer às vítimas os nomes todos que conheçamos, as histórias todas que saibamos, assim venham trajadas em branco como cavalo da apocalipse. Toquem ou não na família. Só assim libertaremos a memória confinada no campo de concentração enorme em que converteram este país, estas gávias.

Porque passaram mais de oitenta anos e os tempos são chegados.

Susana Sanches Arins